



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 30 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.  
COLONIAS PORTUGUEZAS: semestre—9\$50 Ano 19\$00.  
ESTRANGEIRO: semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

**Sapataria JANUARIO**  
açaço e luxo em todos os generos  
pelos mais cultos modelos  
**MEIAS FINAS**

78, R. de S.<sup>ta</sup> Justa, 80

**SEMORI**

É o melhor desinfectante  
para a "toilette" intima  
das senhoras. Vendem:  
A D. Marques, Limitada  
— Rua do Ouro, 200 —



**Corôas**

Onde ha o mais chic  
sortido e que mais ba-  
rato vende, por ter  
fabrica propria, é na

**Camelia Branca**

L.<sup>o</sup> D'ABEGOARIA, 50  
Lao Chiado 1 - Tel. 3270

**M**aquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**

Pedir preços, orçamentos a

**C. STEFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41**

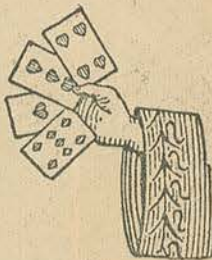
O passado, o presente e o futuro  
revelado pela mais  
celebre e chiromante  
fisionomista da Europa



**M.<sup>ME</sup> BROUILLARD**

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 45 (sobre-loja)—Lisboa, Consultas a 500, 1000 e 1500.

**M.<sup>ME</sup> VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE**



Tudo esclarece no  
passado e presente e  
prediz o futuro.

Garantia a todos os  
meus clientes: completa  
veracidade na consulta ou  
reembolso do dinheiro.

Consultas todos os  
dias uteis das 12 ás 22  
horas e por correspondência.  
Enviar 50 centavos  
para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.<sup>o</sup> 21, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

Ver na próxima quarta-feira o

**SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SÉCULO)**

Preço 20 centavos

O melhor reconstituente para  
adultos e creanças é a

**Calcina Triplíce**

Os lymphaticos devem  
preferir a **Calcina**  
com Iodo; os anemicos,  
a **Calcina** com  
Ferro; os astheniados,  
a **Calcina** com ar-  
rhenol.

**Cartomante**

GRANDE fenomeno tudo consegue rapido  
reembo so em caso contrario. Dá mil es-  
cudos a quem provar haver pessoa de  
mais poder. Tem ganho medalhas em todo  
o mundo. Trata de todo o mal de inveja e  
vende talismans para sorte. Enviar 2\$500  
para resposta a V. Sorel, Calçada de Santa  
Ana, 81, 4.<sup>o</sup>, das 10 ás 8.

**PLISSADOS**

FAZEM-SE

Rua Marquez Ponte Lima, 21, 2.<sup>o</sup> E.

**Sonambulo-Espirita**

Como poderemos ser  
felizes?

E' consultando o Sonambulo-Espirita  
chegado ha pouco do Brazil, o unico  
que por meio do somno espiritual con-  
seguiu descobertas de toda a qualidade  
assim como conseguiu a felicidade que  
cada um precisa, fazendo magnificas  
curas por meio de tratamento po-  
sugestão.

R. ALEXANDRE HERCULANO, 39-1.<sup>o</sup> D.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 800

Lisboa, 18 de Junho de 1921

30 Centavos



Miss Corina Griffith e o seu pequeno «Pom». — Miss Corina Griffith é uma das mais conhecidas artistas da arte americana

**CAPA**— Miss Mary Pickford, gentil artista de cinema, que interpreta papeis de criança com extraordinária vivacidade



AS JOIAS SÃO PARA A MULHER  
O QUE A LUZ É PARA O DIA



A mulher, artista inata que no belo se inspira e para o belo se sente irresistivelmente atraída, não procura eximir-se á poderosa sedução que exerce no seu espirito o refulgir policromo das pedrarias, que, com o seu magico scintilar, contribuem, com o mais precioso ornamento sonhado, para o realce maravilhoso da sua belesa.

Dir-se-ia, ao admirarmos um magnifico d'amante tremulando d'um lobulo delicado como uma petala de rosa, ou irradiando reverberações de fogo d'um colo escultural, que as pedras foram creadas para a mulher, como o sol foi creado para produzir a vida.





# A MOMENTOSA QUESTÃO DOS CAMBIOS



O escudo,  
a libra, a peseta,



o franco e o dolar

A questão do dia, a que apaixonava agora a opinião pública, é a da subida do cambio ou seja a da baixa da libra, fiel da nossa balança monetária internacional. A libra que em tempos que já lá vão valia apenas quatro escudos e cinquenta centavos ou sejam qua-

tro mil e quinhentos, o preço de um fato de bom cheviote, que já não há... por semelhante preço, a libra subiu, cresceu, engordou de tal forma que levada á balança se viu com espanto ter de se pôr no prato oposto nada menos do que cinquenta e tal escudos e alguns centavos, quasi uma fortuna, para que a balança se equilibrasse. Isto que se deu entre nós de uma forma exagerada, deu-se em toda a parte e até *The Bystander* consagrou um numero todo á questão cambial. Ele era o marco que descia e gente que se estendia pelas escadas abaixo ou era a libra que todos queriam seguir na ascensão. Era a libra doente de cama, a libra precisada de pediluvios, a libra pela qual o judeu «yan-ke já não dava mais do que dois terços do seu valor. O que se fez e o que se disse da libra.

Praticos, os italianos editaram dois postais. N'um deles se mostra a balança actuada pelo trabalho, carregada de lã, seda, trigo, etc. Mercê desse esforço a lira sobe e a moeda estrangeira desce. E' a balança do trabalho, a balança da riqueza. No outro postal vê-se a balança do ocio e da miseria. A lira desce e são as moedas estrangeiras, o dolar, a libra e o franco suíço que sobem, em detrimento da moeda nacional. E' sempre assim.

O *Seculo* na sua patriótica campanha obrigou os cambios a subir. Foi o primeiro impulso pratico para a melhoria de vida tão desejada por todos. Que o cambio se mantenha



O marco que desce e a libra que sobe  
(De *The Bystander*)



A libra adoeceu mas os doutores não  
desesperam de a curar  
(De *The Passing Show*)



Apesar do cambio subir a proporção  
mantem-se



O sonho de um aglota





1. John Bull leva a libra ao balcão do penhorista yanke e vê que este menospreza o seu valor.

(Do The Bystander)

2. Como a libra tivesse enfraquecido John Bull dá-lhe um escalda pés do óleo da produção e do trabalho.

(De The Bystander)

3. Dois curiosos postaes italianos.

4. O yanke faz a sua limonada de libras.

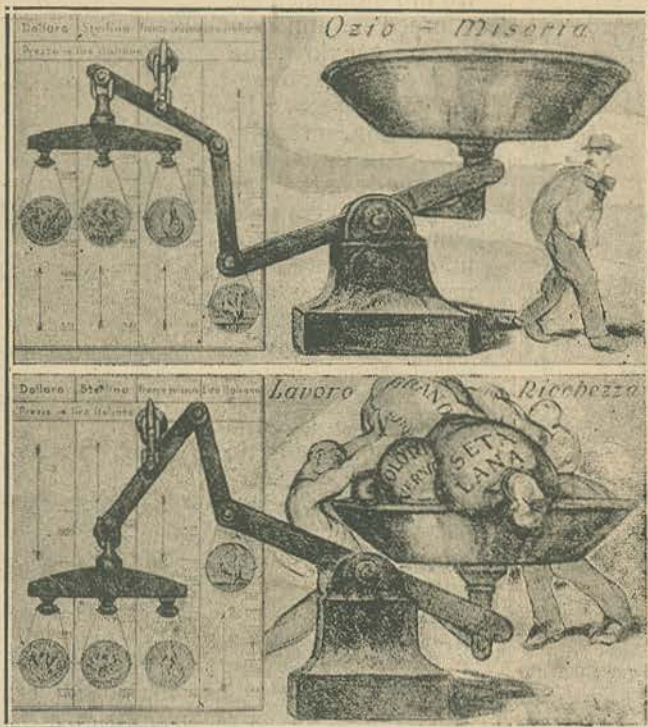
(De The Bystander)



ou melhor é o que todos desejam, é o que é necessário.

Gravuras interessantes enchem estas paginas. Como se aferrolha e como se gasta é uma soberba pagina. A cabeça de um jogador da Bolsa é tambem notavel, como notavel é a colleção das moedas, tipo ouro e prata, hoje difficil de conseguir e que nos foram cedidas pela casa A. Piano Junior, desta cidade.

A libra, o dolar, a peseta, o franco, a lira, o franco suíço e o belga, o marco, a corôa austriaca, o florim e a moeda brasileira teem posto calafrios em muita gente boa. Se sóbe, porque sóbe, se desce, porque é mau, ninguem está contente. Ha quem queira a libra a cem mil réis. Os açambarcadores por exemplo. Ha quem necessite dela a seis ou sete ou dez mil réis. Os consumidores. De forma que esta coisa dos cambios é verdadeiramente a momentosa questão, a questão base. Com a libra cara estão coriadas as comunicações internacionais. Nada de fazendas inglesas, nada de Morton de conserva ou de



simples lamparinas economicas. Com o franco a mil e tal como encomendar em Paris as brochurasinhas de 3,50 fr., se elas custam cá seis escudos?

Como importar todas aquelas coisas deliciosas que são o paraizo das mulheres e o terror dos maridos? E a peseta? E o dolar? Com a peseta a 15 tostões, um par de alpergatas custa o mesmo que um escapim de baile. Os cambios, tremebunda coisa.

Quanto ás nossas gravuras são uma curiosa documentação que, se o cambio melhorar

como deve, será apenas uma saudade... para muitos, mas que é hoje, para todos, ainda uma maguadora e dura realidade.

Entre a documentação grafica que deixamos de publicar ha alguma que vale um poema. Por exemplo, a da libra pesando-se na balança e vendo contristada que pesa muito menos, que está anémica. E' uma versão inglesa esta, já se vê, porque para nós a libra está hidropica. Outra, esta do «Rise» de Paris, é um cemiterio cheio de cruces. E' o cemiterio da guerra. E nas







Como se entesoura. Como se espalha  
(Da *Life*)

cruzes lê-se: Aqui jáz o Marco, o Franco, a Lira, o *Kreuzer*. Só o Dolar e a Libra esterlina passeiam vivas e riem satanicamente.

E mais. Cada um encara o problema como lhe parece ou seja, cada um fala da feira conforme lhe vai nela. Os americanos choram que a elevada cotação do dolar lhe proíbe as exportações, choram cá os nacionais que a depreciação do escudo, convertido em notas sem valor, não permite a importação.

E até a proposito do marco ha a conhecida anednota de que um sujeito para vender dois mil marcos ainda teve que dar cem pesetas.

Ha quem chore é certo, m s não é menos certo que tambem muita gente ri.



A libra



O que é hoje, com a subida dos camb'os, a cabeça de um jogador da alta.



O dolar sobre a libra, a libra sobre o franco e o franco sobre o marco, tal é a situação Internacional. (Da *Mucha de Varsovia*)



O marco, 1000 rs. brasileiros, o florim,

a lira e a corôa austriaca



O  
 QUE  
 SE  
 LÊ  
 E  
 O  
 QUE  
 SE  
 ESCREVE



LUCIE DELARUE MARDRUS, a escritora francesa do dia.

## LUCIE DELARNE MARDRUS

ENTRE o sem numero de escritoras que dia a dia veem surgindo em Paris, conseguindo interessar um meio já tão *blasé* de sensações d'arte, Lucie Delarue Mardrus impoz-se como figura de primacial destaque; e o seu soberbo talento de prosadora fez mais do que interessar Paris; conquistou-lhe a difficil admiração.

Diferente de tantas outras que dão que falar pela sua bisarria, pelo seu *détraquement*, fazendo com que do seu interesse pessoal recaia sobre a obra algum atractivo, temperamentos futeis que mais chamam a atenção pelo desequilibrio dos nervos, do que pela excellencia do que escrevem, Lucie Delarue Mardrus impoz-se pela exclusiva força do talento.

E tem conseguido, n'alguns dos seus maravilhosos livros,—«Un Cancere», por exemplo,— o prodigio de empolgar a admiração d'um publico avido de *grivoiseries*, com historias limpidas como a agua corrente, onde não ha uma unica nota ousada; não por uma ostentação de pudor que seria ridicula, mas para demonstrar que ainda hoje, mesmo em Paris, se póde fazer Arte, e fazer triunfar essa Arte, sem recorrer a excitações mais ou menos morbidas dos sentidos.

Lucie Delarue Mardrus interpreta maravilhosamente a alma das creanças, não pelo prisma ingénuo da condessa de Ségur, mas sim encarando-as como almas embrionarias, onde, embrionarios tambem, palpitam já todos os anceios, todos os caracteres que mais tarde, consolidados e definidos, formarão a estrutura espiritual d'um ser. *Foutoune et son amour* e

Un cancre são exemplos flagrantés do que afirmamos.

Como exemplos de grande romance caracteristicamente francês, basta citar *La monnaie de Sinze*, *Douce moitié* e *L'Acharnée*, esse maravilhoso livro d'onde artistas hoje conhecidos extrafram os seus nomes de cartaz, como Sheridan e outros.

E' tambem notabilissima a

forma por que Mardrus *descreve*. Ler algumas paginas suas é fazer uma romagem de sonho pela verdura perpétua da Normandia.

Embora seja como p'osadora que Lucie Delarue Mardrus conquistou a immortalidade, não se pode desconhecer a poetisa admiravel de *A' maman* (enternecido poema de amor filial, e varias obras mais, como *Horizons*, *Souffle de Tempête*, etc, etc.

Para repousar o espirito que constantemente trabalha, cultiva, com um diletantismo cheio de encanto, a pintura, a escultura e a musica. Ha tempos realisou uma exposição de pintura que foi muito apreciada. Raro é que um grande talento, como este, preso num sonho de Arte maior do que o dos outros, não procure mais d'uma forma para exteriorisar a grande chama interior que o impulsiona e domina; e são essas manifestações as que, pela sua luminosidade espiritual, nos fazem olhar um grande talento com a mesma devoção reconhecida com que, n'uma noite silenciosa, vemos tremelusir o brilho glorioso das estrelas!







## CAMARADA!

PAGINA DE VICTOR C. ANDERSON

Página soberba de concepção revoltada, CAMARADA! é uma verdadeira obra prima. O pobre vagabundo, quasi descalço, de fato um simulacro, na barriga a fome permanente, pode muito bem apertar a mão ao espantalho esfarrapado, temido dos passaros. São dois res-

tos de homem, são dois bolsos vazios, ambos á chuva, ao vento, á intemperies. Nada 'de lar, de amôr, de saudades. CAMARADA! é uma das grandes, belas e emocinantes produções com que a *Ilustração* hoje inaugura a página da arte que faz sentir.



# O TEATRO E O CINEMA

A BELESA DAS MULHERES  
E O TALENTO  
DAS ACTRIZES

MISS MARION DAVIES

*Uma das mais conhecidas e apreciadas estrelas do cinematografo e das mais belas figuras da arte muda.*



GLORIA SWANSON

*Senhora de uns olhos aureos e perdidores, rainha do cine e de muitos milhares de adoradores.*



VALDA VALKYRIEN

*Actriz cheia de beleza, beleza cheia de fogo e de talento artistico*



MISTINGUETT

*A gentil e conhecida atriz parisiense na sua casa de Paris*



KATHERINE MAÇDONALD

*Tão gentil como artista, é uma das belezas da arte da pose e da emoção silenciosa.*



# A NOSSA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE



O Oceano visto do faro de Zavara

Ventando os rumores da campanha «pró colonias» ha alguns meses iniciada na imprensa, com o generoso e patriótico fim de chamar a atenção dos poderes publicos para os nossos dominios de alem mar. Disseram-se muitas coisas sensatas, houve alvitres muito aceitaveis, mas forçoso é reconhecer tambem que alguns manifestaram a sua profunda ignorancia, escrevendo tremendas barbaridades, proprias de quem só conhece a Africa pelo que dela se disse nos meados do seculo XIX.

A Africa de hoje, em nada lembra a doutros tempos. A provincia de Moçambique, nestes ultimos 17 anos, precipitou-se vertiginosamente de encontro á civilização.

Enes e Mousinho projectaram. Tiveram a intuição do que essa riquissima colonia viria a ser no futuro. Freire de Andrade e Alvaro de Castro, seguindo o rasto luminoso desses dois grandes espiritos, vincaram, profundamente, em melhoramentos indestrutíveis, a nossa nacionalidade e o nosso valor como raça colonisadora.

Não é de admirar que a Inglaterra povoasse de cidades e vilas as serras do Transvaal. O seu desenvolvimento rapido e gigantesco, filho da febre de quem em pouco tempo procura arrancar das entranhas da terra tesouros de enormidades desconhecidas, era

uma coisa fatal e que se daria com qualquer outro povo dominante. Nessas regiões, em que o clima de altitude é perfeitamente igual ao nosso, a cooperação do europeu estava naturalmente assegurada sem exigencias dequalidades especiais de adaptação. E sendo assim, o Transvaal, como outras colonias da Africa do Sul, tinha de progredir com a mesma facilidade com que progrediria qualquer região transmontana ou minhota, cujas riquezas naturais a pusessem em destaque.

Mas, infelizmente, na provincia de Moçambique, não concorrem as mesmas circunstancias. Se ela estivesse em mãos de extranhos talvez tivesse caminhado mais, porque não levaria tanto tempo a despertar desse sono cataleptico de que so acordamos ha poucos anos e que tão fatal poderia ter sido. Contudo temos procurado recuperar o perdido. A' custa de muitas vidas, mu-

los sacrificios e dinheiro, poucas regiões haverá nesse vastissimo territorio, que não tenham sofrido uma radical transformação.

Os caminhos de ferro, as pontes, as estradas e outras obras de fomento desvendaram as misteriosas charnecas da Africa, tornando-as accessiveis a todas as iniciativas. E dos cañes selvagens e aguerridos, que nunca atemorizaram as gentes lusitanas, ficou apenas uma tragica lenda que nós recordamos ao evocar as figuras heroicas dos portugueses que por lá ficaram dormindo, aureo-

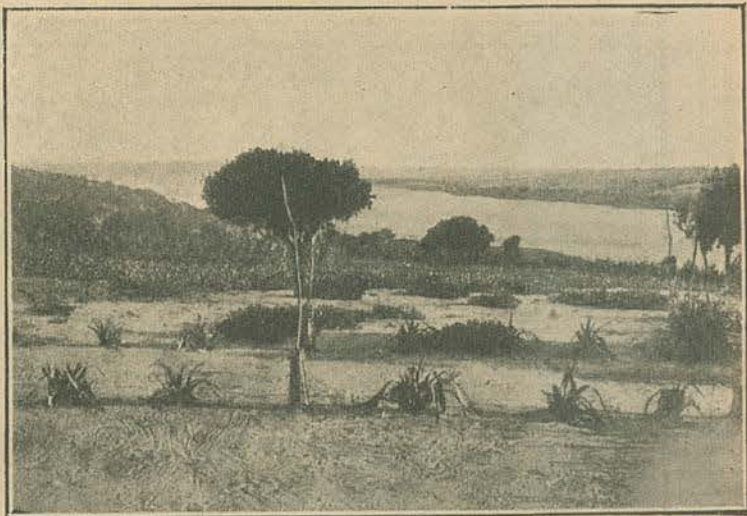


Estação telegrafica no posto de Coguno (Inharrime)

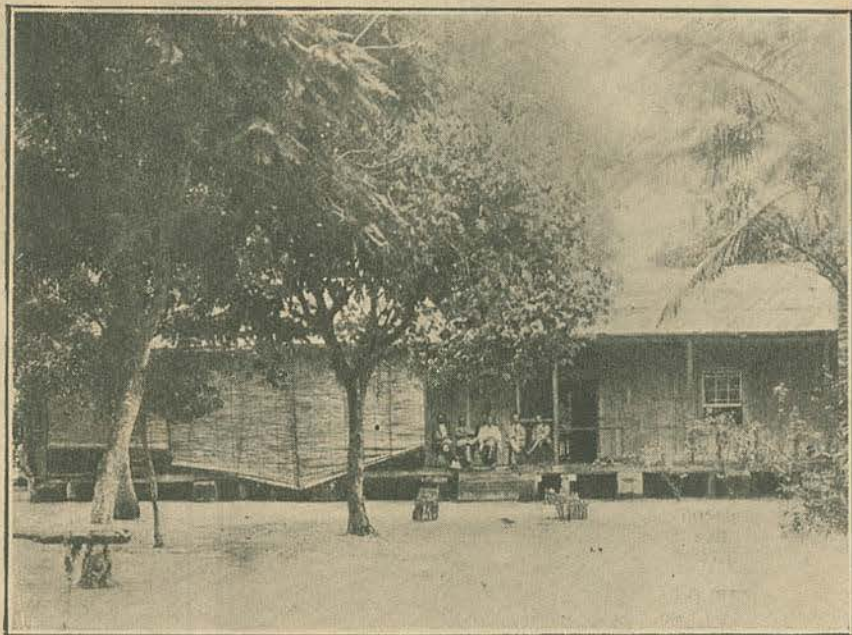


lados pela imortalidade dos seus feitos.

Por vezes tenho a impressão que todas as forças produtoras « espíritos de arrojadas iniciativas, a ordem e o trabalho, emigraram do continente, fixando-se em Africa. Quin as vezes ao ver os nossos campos despovoados e incultos e as cidades e vilas envoltas na desoladora miséria de um críminoso abandono, com as suas ruas e estradas (as velhas e lindas estradas de Portugal) completamente intransitáveis, eu evoco a laboriosa actividade da Zambézia, com os seus incomenuráveis palmares, as suas plantações de cana sacarina, emfim toda a sua agricultura que constitui uma riqueza que só por si nos dá direitos á posse de toda a provincia. Quantas vezes eu recordo o distrito de Moçambique ainda ha pouco ignorado e impenetravel e hoje em pleno desenvolvimento, cortado em todos os sentidos pelas mais aperfeiçoadas vias de comunicação e oferecendo com uma generosa espontaneidade riquezas de incalculavel valor, que ha centenas de anos avaramente esconde no seu seio. E se eu



Um trecho do rio Inharrime



Posto de Coguno. - Sentados os srs. governador Cayola Bastos, administrador Vasco de Portugal, K. Vilar, ajudante; tenente Wery e Camara, chefe do posto

para debelar a terrivel crise que nos asfixia, para aniquillar a fome e a miséria que nos batem á porta, nada mais seria preciso do que mandar para a Africa muitos dos nossos governantes, substituindo-os por igual numero de africanistas, sem nestes haver grandes preocupações de escollha. Talvez se estragasse o que por lá ha de bom, mas desaparecia com certeza o que cá temos de peor.

E a esta conclusão, terão de chegar todos que tenham elementos concretos para estabelecer comparações e que não falem abstratamente sobre coisas coloniais.

Creio bem que as colonias constituem hoje a unica afirmação da nossa existencia de povo livre e ainda bem que essa afirmação é brilhante e indestrutivel, embora isso contrarie os ambiciosos que de tudo se têm servido para dar-lhes outra nacionalidade.

Lisboa,, 1921.

J. de Barros Gomes

falasse de Manica e Sofala, dessas encantadas regiões que o almirante sr. Pinto Basto, com o seu modelar governo, soube transformar em inexgotaveis celeiros que tanto têm reduzido o nosso enorme «deficiz» cerealifero; se eu tambem pudesse largamente referir-me ao distrito de Inhambane com as suas circunscricões transformadas em pequenas vilas, rios deslisando sob solidas e modernas pontes de alvenaria, florescentes hordades cortadas por largas estradas em fita e a barbara paisagem indige na alvoracada pelo intenso labôr do progresso, os criticos coloniais moderar-se-lam perante a obra colossal ali iniciada pelo tenente coronel sr. José Cabral e que o capitão sr. Cayola Bastos vai completando, com uma superior indiferença por todos os que a cada passo lhe levantam dificuldades, tudo vencendo e pensando apenas em cumprir o seu dever de governador, com o mesmo brilho com que em França cumpriu o seu dever de militar distinto e valoroso.

A Africa de hoje em coisa alguma lembra a de outros tempos. Caminha. Os que por lá lutam, dela fizeram uma segunda patria e nela vêem a continuação de Portugal. E áqueles que de cá chamam a atenção dos poderes publicos para a maneira como são administrados os nossos dominios ultramarinos, apenas lhes direi que para isto endireitar,



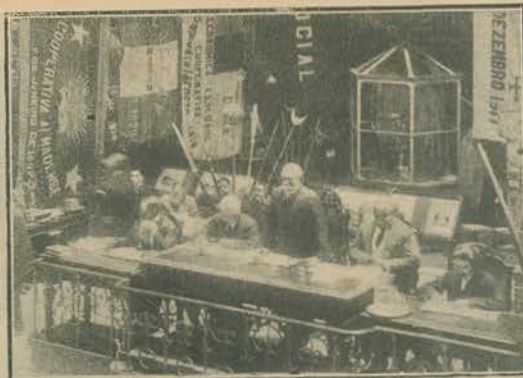
Farol da Zavara



## FIGURAS & FACTOS—



## OS CONGRESSOS

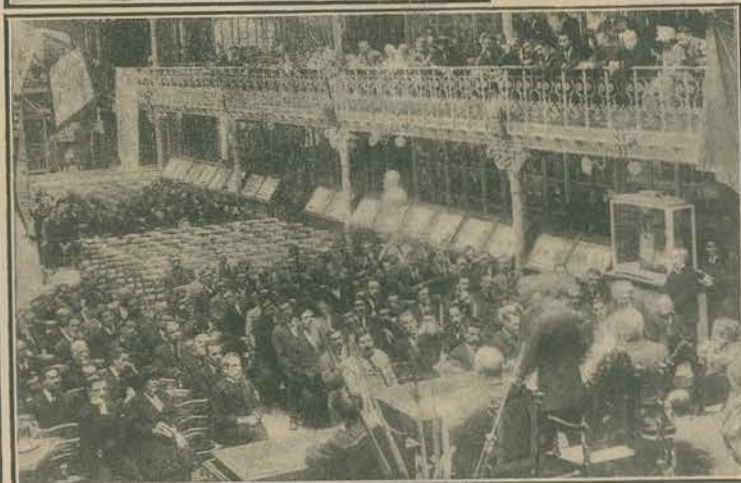


CONGRESSO  
BEIRÃO

CONGRESSO  
COOPERATIVISTA

VISITA  
PRESIDENCIAL

MONUMENTOS  
DE PORTUGAL



S. E. o bispo de Vizeu. — 6. Congresso Beirão Grupo de estandartes de diferentes colectividades. A' direita o do Congresso Beirão. — 7. Congresso Beirão. Aspecto da Exposição industrial, Sé de Vizeu. — 8. Congresso Beirão. chegada dos congressistas à Câmara Municipal de Vizeu. — 9. Coimbra—Claustros do Silêncio na Igreja de Santa Cruz. — 10. Aspecto da sala Portugal na S. G. L. onde se realisa o congresso cooperativista.

1. Congresso Beirão. Assistência elegante á Exposição de Produtos Regionaes, na Sé de Vizeu. — 2. Congresso Beirão. Aspecto da sessão do Congresso em Vizeu. — 3. Visita do sr. Presidente da Republica aos feridos do ultimo descarrilamento. A' porta do Hospital de S. José. — 4. Congresso Cooperativista. A mesa da presidência do Congresso. — 5. Congresso Beirão. Prova do «champagne», offerta das Caves da Repozeira, numa das salas da Camara, entre a assistência





O curso do 5.º ano medico que ha dias realisou a sua festa no teatro de S. Carlos, revertendo o producto para a Ass'tencia Nacional aos Tuberculosos. Ao centro, os professores srs. Cabeça e Belo Moraes. No primeiro plano, sentados, da esquerda para a direita: Ladeira dos Sentos, Armando Val, José Nozueira, D. Branca Rumina, Abel Carvalho, Jacinto Palma, Azevedo e Silva, Manuel Fernandes. No segundo plano: Carlos Larrande, Maie Menezes, Vasco Macielira, Jose da Graca Sousa Costa, José de Carvalho, Simões Raposo, Barbosa Soeiro, Hermano Pina, Carlos Fernandes. No ultimo plano: Mario da Maia, Armando Luzes, José Calejo, José Quinhones, Pedro Menezes, Ramos Passos, Adelinho Costa, Ortigão Sanchez



A moda capricha em maravilhar-nos com as suas genias creações em que a arte e o gosto se enlaçam amorosamente. Hoje, não é difícil encontrar lindos modelos de «toilettes»; a grande dificuldade reside em dispôrmos da isenção d'espírito necessario para optarmos pronta e deliberadamente por um modelo, tão esplendidas e tentadoras são as coleções que as modistas de renome nos apresentam. Experimentae, gentis leitoras; não vos sentireis perplexas ao ter de optar por um destes modelos?...

delo, tão esplendidas e tentadoras são as coleções que as modistas de renome nos apresentam. Experimentae, gentis leitoras; não vos sentireis perplexas ao ter de optar por um destes modelos?...



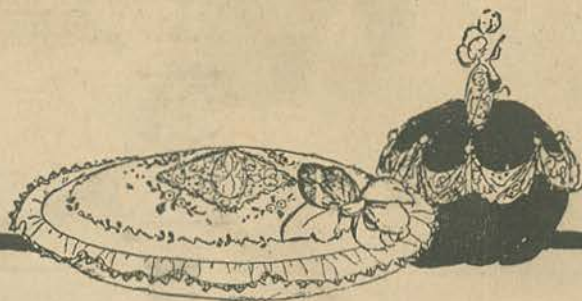




DE quanta fantasia e originalidade a moda tocou os pequeninos nadas da «toilette», esses incidentes de elegancia em que o «chic» repousa! De dia para dia as ideias multiplicam-se e surgem a maravilhar-nos em realizações imprevistas.

Pois não constitue uma verdadeira surpresa a disposição inesperada das «aigrettes» negras que ornamentam este original penteado? Não constitue um «trouvaillé» de gosto este cesto de trabalho simulando um guarda-sol chinês? Olhemos ainda o conjunto harmonico das lindas luvas e do gracioso sacco de camurça «beige» com que a moda nos brinda...

Que mais inventará a moda?





# O Seculo Comico

O SECULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

## TADINHA!



— Quem dá a esmolinha do dobro da passagem a uma pobre Companhia que não ganha nem mil contos por ano?





# PALESTRA AMENA

## Duas anedotas

Palavra d'honra que não sabemos onde ir buscar assunto para a costumada palestra, não por ue fitem, mas porque d'elles necessitamos para outros efeitos lit rarios. E como tal não sabemos, af vão duas anedotas ainda fresquinhas, que nos conton o nosso engraçadissimo amigo M lo, pór aleunha da «Gaitinha», inextgotavel manancial de historia: a alegres.

Primeira:

Visitava Madrid um rico americano, munido do respectivo livrinho-zuia. Dir giu-se a uma casa onde se alugavam trens e pediu que lhe indicassem um cocheiro que com esse bem a capital, não porque necessitasse de «cicerone» mas para não perder tempo.

Moven-se no trem, seguiu por praças e ruas e quando se deparava coisa digna de ver-se, o cocheiro fazia parar os cavalos:

—«Aqui es el Congreso».

O americano abria o livro, verificava e ordenava:

—Adeante.

Continuava o giro. Nova paragem:

—«Aqui es la E. utiativa».

—Está bem. «Yes». Adeante.

D'af a pouco, o cocheiro avisava:

—«Aqui es el Prado».

Verificação na pagina respectiva e a ordem habitual:

—Adeante.

Não longe, os cavalos paravam:

—«Aqui es el Museu».

—«Yes», respondeu o visitante.

—Espera que eu volto já.

Apeon-se o nosso homem, entrou no musen, demorou-se lá du s horas e entrou de novo no trem. O cocheiro perguntou-lhe se tinha gostado:

—«Yes!»

—Para se fazer aquela maravilha que viu, continou o cocheiro lá na linha d'ele, que não estamos agora para traduzir, levaram-se mais de tresentos anos!

—Na America levavam-se seis meses, respondeu o freguês, secamente. Pouco depois passava o trem junto d'outro edificio monumental, d'uma statua ou coisa assim, e o cocheiro explicava:

—Levon duzentos anos a fazer!

—Na America levava um mês.

Só faltava ver o palacio real. O cocheiro, ao passar na praça do Oriente, bateu nos cavalos e como o americano visse que ele não estava disposto a parar o trem, gritou:

—Cocheiro! para, que aqui é o palacio real!

O cocheiro, com ar admiradissimo:

—«Si? no lo habia visto! He pasado por aqui ayer y le asseuro a usted que no estava nada, todavia!»

Segunda:

O Anastacio da Silva Cunha Corte,

real A meida Tristão, morador em Palma de Cima, andava adentadissimo—mas não sabia o que tinha. Aconselhar m-o a que viesse a Lisboa consultar um especialista de doenças desconhecidas, o homem veiu e em tão boa hora que o medico percebeu imediatamente, p la cõr da pon a do nariz do Anastacio, que se tratava d'um diabetico.

—E' preciso analizar-lhe o liquido urinario, disse.

—Sim, senhor doutor.

—Traga-m'o amanhã, para ver a percentagem de açucar que tem,

—Sim, senhor doutor.

Partiu para Palma de Cima, etc., e no dia seguinte, metendo n'uma malinha de mão uma garrafa com o liquido desejado, veiu p ra Lisboa, sen to obrigado a parar n'um posto fiscal, para a respectiva revista alfandegaria.

—Traz alguma coisa para revistar? perguntou o chefe do posto, que era 2.º cabo.

—Não, senhor.

—Que traz n'essa malinha?

—Tenha a bondade de ver.

E abriu a malinha. O guarda tirou a garrafa, examinou-a á luz, desrolhou-a, provou e restituiu-a, dizendo:

—E' capilé. Pode passar.

Esta não é lá d'um asseio por aí além, mas a responsabilidade é do Melo. Entenda-se o leitor com ele, das 11 ás 17, no Ministerio da Instrução Publica.

J. Neutral.

## O dia de Camões

Isto, para se saber bem uma coisa, não ha nada como ir uma pessoa á fonte limpa. Para sa ermos, pois, qual a impressão do nosso bom amigo e estimado colega Camões sobre as homenagens que se lhe costumam prestar, a ele nos dirigimos — por meio de uma mesa de pé de galo — acudindo immediatamente á chamada o esperançoso vate.



—Cá eston, disse ele, piscando o olho ingrato.

—Que nos diz...

—Já sei. Eston entusiasmadissimo. Aquella recia dos cegos do Instituto

Branco Rodrigues deixou-me penhorado.

—Perdão, mas aquilo não era com o amigo...

—Não? pois juignei; como era de cegos...

—Mais alguma coisa?

—Tambem tenho notado ultimamente um movimento desusado na praça onde tenho a estatua; proito, sem duvida...

—Não, sr. poeta. Como tem feito muito calor, tem havido muita concorrência aos quiosques, por via dos capilés...

—Ah! mas, no dia 10 vi eu um individuo d'alta categoria tirar muito respectosamente o chapen, quando passava pela minha estatua. Estou-lhe muito grato...

—Era o sr. Bernardino Machado; tirou o chapen passando pela estatua, como o tiraria se passasse por um pedo.

O espirito desapareceu ao ouvir isto, e é de esperar que nunca mais responda á chamada.

## Associações de classe

Pedem-nos a publicação o seguinte:

### CONVITE

As crianças de mama, unicas entidades que até agora não possuem uma associação da sua classe, resolvem reunir no proximo domingo, em local que oportunamente designarão, para tratar de assuntos que a todas interessam.

Como se sabe, só ellas estão fóra do regime das 8 horas de trabalho, só ellas



ainda não fizeram «grêvo» etc. Este regime de excepção, tão insolito quanto odioso, deve terminar, embora para isso se tenha de recorrer aos meios violentos. Começarão, porém, por organizar a sua associação, pelo que pedem a comparencia de todas.

Avante, camaradas!

## O harateamento da vida

Vamos fazer um reclame de graça, e é ao sr. Francisco Tristão, de Castello de Vide, que publica o seguinte anuncio nos jornais:

«Ferraduras mais baratas — a 14s00 cada 36 ferraduras».

Feita a divisão, fica a pataco cada par de calção, mais coisa a menos coisa. Ainda ha benemeritos!





## TEATRADAS

## Carta do Jerolmo

«Zefa das minhas intranhas»

Vanho agora mémo du ginaso onde fui pra ver uma pessa xamada «D. Paço Muzanilla» cujo este i u Ut lo do Cravalho disfrasado in macaco i toudas as molheres a apachouarse par ele i mal u Palma i uma ta! Alisse Carpos i muitas oitras prosunages que principiam u jautar pur card nhos de l ta pur cinal qi as cumem cum faca i vai da i á u menistro qui satira a toudas as molheres menos á del cuja esta qui é a Berta d'Albuquerque i qui se veste munto bon satira a toudos os omes i vai u Utelo fala intaliano mestrurado cum ispanhol mas u qui ele fala verdadeiramente é portuguez cum a min i cum a tu i ce f ce lá prá Intalia dizer «ficar» estava bon arrajado da qua vida cum a indeseñala i u dito Utelo vestia de copido deqarina cum un pernao qui nim u ten minha Zefa i mais tens un par de peras que paresem de isinhos dos gerosos i intão vai ós pois a pessa nfo foi o tra coisa cenho parida cu Alves da Cunha i a Bert: Vivar faz ram ós oitros cul-gas acim a modos cumo quen diz: vosses sen nós podense ir diápir—mas u qui valeu é ca pessa foi na noite de santo antoino i intão tudo paçon cumo jardia i cum isto nan tenho mais qui ta dezer cenho cu cambio qui era a cinco já istá a 10 l ca ganzulina istá munto barata pois é uma coisa qui me dava muntos cadudos, porque tinha munta dó caudo via paçar algun feqrão de ótemovle i dezia cá cumigo—tadinho d'ele! Cenpre ade gastar munta maça in gazulina!

Arsebo muntas alimbransas minhas i ca i forem pedir u mé vote pró de-potados diles qui cim qui voto ce pizerem u vacalbau a pataco cumo tinham promitido i cum isto nan te infado mais dá arrecumendações a quen pur mim préguntar ca minha pra cuntigo co á vista tirão fin i nan te isquessas dos bacros i mal dos cachopos teu is-pouso interno i ubrigado.

Jerolmo  
Empreziario do Pauliteama  
de Peras Rulvas,

## Os assustados

A alta de cambio tem endoidecido tanta o tão boa gente, que nós pedimos á libra a fineza de voltar á primeira forma, senão as desgraças não param.

Documentos que a nossa reportagem conseguiu ler:

«Sr. Comissario:

Ninguem deve ser culpado da minha morte. Penho termo á existencia porque, em vista da descida dos cambios, este ano fecharia a minha escrita apenas com dois mil cont s de lucros....»

\*\*\*\*\*

«Querida:

Quem havia de dizer que tão cedo as



## Tereza de Jesus, uma sua criada

*Liorete e inda por rúba numarada?  
Graças a Deus não sou da Madragoa!  
Liorete a mim? que os dêem á patriôa  
Mal á mãe que a prantou, a descarada!*

*Tereza de Jesus, sua criada,  
Filha de pais incórnitos, beirôa,  
Tem servido cem casas em Lisboa  
E inté ó ponto d'hoje está honrada!*

*Tenho a minha saída cando calha,  
Tenho tamem um primo na políca,  
Conversemos os dois uma migalha*

*E falemos d'amor e de cobiça,  
Mas canto a rabos, já se vê, de palha  
Saiba vossa incelençia que isso—chiça!*

BELMIRO, copiou

nossas relações haviam de terminar! A infame campanha do «Seculo» lançou-me na miseria, isto é, não posso de hoje para o futuro viver como até aqui: só posso ter 4 automoveis, 3 palacios em Lisboa, 2 no campo—e quanto a amantes, o numero d'elas ficará reduzido a 6. Perdôa, filha, o despedir-me de ti, mas o mesmo vou fazer a mais



S, que de futuro não poderei sustentar... Mando-te 20 contos para comprares uma pequena prenda, que te lembre o teu

X.

\*\*\*\*\*

«Meu caro amigo:

As joias da sua ourivesaria são preciosas, mas os últimos acontecimentos bolsistas obrigam-me a reduzir as minhas despesas, porque os meus negocios sofreram um golpe formidavel. Assim, tenha a bondade de não fornecer a minha mulher joia alguma que custe mais de 30 contos, porque a não pagarei. Seu cliente e criado obrigdº.

J.

## Correspondencia

S. TAVARES—Temos visto bestas teimosas, mas d'essa força é a primeira. Arre!

## Inquerito primario

Chamemos assim a um inquerito que abrimos hoje publicamente e que particularmente já ha dias abrimos, para se saber se deve ou não haver exames de instrução primaria. O «Seculo» fez o mesmo, mas aos professores, e exigindo-lhes a resposta sucinta, «sim» ou «não»; nós fazemo-la a outra classe, muito mais interessada do que a dos professores—a dos pequenitos—e damos-lhes latitude para desabafarem á vontade.

Eis o que temos recebido até hoje e que publicamos, occultando os nomes dos signatarios, para não apanharem algum açoite dos papás.

«Deve aver, sim senhor. Quem não qué que aja inzames é um buto».

«Pois já se vê que sim, porque o meu mano mais velho fez exame e faz muita troça de mim por eu não o fazer».

«Nan tanho medo nenhum de fazer insame porque sei a istora na punta da lingua, jometria, arimetega, agricultura, gramatega, desanho, jografica, cili-grafia, purllemas, e munto mais coisas».

«O meu pai purmetenme um relajo de oiro se eu ficasse destinto. Se não ouver izames não apenho u relajo. Vanha u izame».

«Não aporvo u insame porque eu cá nan çou de gabassos i cuanto mais istudo menos coi com as trapelhadas que me querem miter na cabessa».

«Cá pur mim gustava munto que uivessem inzames pois era pró mé primo Juão ficar repurvado...»



# MONOTONIA



— Já estou farto de ver esta fita. Se não me arranjam outra, não volto ao teatro...